



Medicalização e Patologização da infância na escola: O sentido da docência como alternativa à redução da vida

Matheus Modesto de Azevedo^{1*}

¹*Professor dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental – Secretaria Municipal de Educação de Miracema/RJ*

**matheusmodestodeazevedo@hotmail.com*

Resumo

As tensões e inquietudes presentes na escola têm enxergado pela medicalização de crianças, possibilidade para resolução de questões problemáticas relativas ao comportamento e aprendizagem. Na contramão de processos como os supracitados, buscamos partindo de uma bibliografia crítica entender e compor alternativas a tais processos, evidenciando o Sentido da Docência numa tentativa de reinventar a escola e a pluralidade que comporta em seu interior, retomando o fundamento educacional. Sendo uma pesquisa de metodologia qualitativa, nos valem de um Relato de Experiência para dar à sistemática investigativa a garantia de interpretação com rigor que a pesquisa desenhou.. A medicalização de crianças em idade escolar naturaliza a vida, reduzindo-a e letigimando distúrbios e transtornos. Essa pesquisa externalizou a urgência de outros caminhos para superação de uma escola excludente.. O papel docente teve grande importância nas estruturas que necessitavam de revisão no cotidiano escolar, pois deu ao sujeito pesquisado um lugar de protagonismo.

Palavras-chave: Medicalização, Patologização, Sentido da Docência.

1. Introdução

A medicalização na atualidade tem se caracterizado como um fenômeno que se desvela por diversas esferas da vida.

O espaço escolar, locus onde emergem inquietudes e tensionamentos, por vezes tem se valido da medicalização como “saída” para o complexo enfrentado, sobretudo, quando tem por objetos: a aprendizagem e/ou o comportamento.

Se de um lado trabalhos científicos demonstram um aumento considerável de queixas e encaminhamentos escolares de crianças para núcleos de atendimentos especializados, que trazem a dificuldade como suposta justificativa para esses casos (BRENELLI, 2014)^[1], de outro existem estudos que nesta mesma natureza argumentam que grande parte desses encaminhamentos não caracterizam qualquer distúrbio de aprendizagem (Tiosso, 1989^[2]; Corsini, 1998^[3]).

À entrada da criança na escola, seguem-se inúmeros imperativos de natureza disciplinar: ficar sentado quatro horas, não falar, realizar inúmeras atividades, estar atento às proposições docente, entre outros. Quem não se enquadra nesses dispositivos normativos, certamente possui um “problema”.

Diante de inúmeras tensões e/ou inquietudes como essas supracitadas é comum o encaminhamento de crianças para o campo da saúde que por meio de laudos e diagnósticos chancela a “existência” de um transtorno, uma “doença”.

Sanches (2014)^[4], ressalta o caráter crescente não apenas dos encaminhamentos para o campo da saúde demandados pela área da educação, bem como a consequente medicalização de crianças.

Moysés (2008)^[5], esclarece que a medicalização é fruto de processos que transformam questões de diversas ordens: sociais, históricos, econômicos, humanos em biológicos. De



modo que à vida é aplicado concepções que embasam o determinismo biológico, tudo sendo reduzido ao mundo da natureza. A medicalização desfoca problemas coletivos em individuais e transforma tudo que fora construído pelo mundo do Homem em naturais, de maneira que: “é natural que exista a pobreza”, “é natural que não se aprenda”...

Esse trabalho trazendo uma análise crítica acerca dos processos de medicalização da aprendizagem e do comportamento, propõe rompimentos pela via instituinte de processos medicalizantes na infância. Desse modo, em em caso complexo frente a uma criança com um ‘grau considerável de comprometimento’ na aprendizagem e trazendo consigo um comportamento ‘difícil’, tratamos de propor alternativas que não se declinassem para o campo da medicalização

Buscando a reinvenção da escola, tentamos visibilizar outras formas de existir em seu interior, bem como de aprender e se comportar, nos valendo do Sentido da docência frente a diversidade no século XXI, posto que esse sentido enxerga nas diferenças um espaço mediador e promotor do diálogo, como ressalta Rodrigues (2013)^[6].

2. Metodologia

O percurso metodológico nessa pesquisa se desvelou de modo qualitativo, adjetivando-se por um Relato de Experiência, que consolida um estudo com mais profundidade de investigação.

O desenvolvimento dessa pesquisa deu-se em uma escola pública do ensino regular de uma cidade do interior do Estado de Rio de Janeiro, encontrando em João (nome fictício) um campo de enfrentamento, visto sua dificuldade de aprendizado e seu comportamento “difícil” e “hiperativo”.

3. Resultados e Discussão

Depois de inúmeros “castigos”, notas vermelhas, recados aos pais, convocação pela escola aos pais, em uma visita da mãe de João à sala de aula, demonstrando um esgotamento e desistência da situação, a mesma propõe que seu filho seja encaminhado para o “psicólogo” afim de dar um “remédio” para o aluno.

O professor ciente do que se inscrevia naquele relato, pediu pra que repensando toda a situação que se tornava ainda mais complicada com os passar dos dias, traçassem um novo caminho que superasse a realidade complexa que estavam vivenciando.

As equipes de gestão e pedagógica da escola unidas, foram parte fundamental para a diversidade de situações que possibilitassem uma via que não se desse pela medicalização e/ou perspectivas medicalizantes.

O ápice de toda estrutura para a transformação daquele sujeito, acontecera na sala de aula. A primeira atitude do professor foi a de aproximar o aluno de si, de modo que, poderia possuir uma dedicação um tanto que (exclusiva) para o aluno. O professor propunha além das atividades diárias, atividades extras que o aluno realizava com o auxílio de um colega de classe que tinha diariamente ante dificuldades extremas, de modo que, havia rotatividade dos colegas para o auxílio nas tarefas do dia-a-dia em sala de aula.

A sala de aula é o lugar da multiplicidade, das singularidades, há nesse meio quem aprenda com facilidade, os que demoram um por pouco mais, os que possuem extrema dificuldade, e que não podemos julgar que não irão aprender... Há os que tem um comportamento calmo, os que são mais agitados e não param quietos, ou sem falar, todas essas forma de aprender e se



comportar são partículas da diversidade humana e que em meio a estabelecimentos de formas padronizadas são alvos de reducionismos.

João é uma dessas crianças que “dão trabalho”, mas antes, João é uma criança e dessa maneira traduz uma parte da vida que necessita proximidade, escuta e compreensão. João possuía e talvez ainda possua dificuldade de aprender e de se comportar. Mas o que é que João não aprende? Por que João não consegue ficar contido em sua cadeira quatro horas diariamente? Essas são indagações que nos levam ao entendimento de que é urgente a reinvenção de uma escola, pois é necessário a reinvenção de uma nova vida.

4. Conclusões

A tomada de consciência e decisões por parte do professor, mesmo que pequenas, mas diariamente, lograram efeitos positivos que tornaram João protagonista de sua história, desconstruindo estigmas patologizantes.

Azevedo (2018)^[7], entende que as micropolíticas na desconstrução de estigmas são fundamentais para a construção de uma escola aberta a diversidade, ou seja, uma escola inclusiva. E, ainda considerando a inclusão um sinônimo de tornar o outro protagonista de sua história, expõe a importância de não se esperar por uma grande política pública para a efetivação da inclusão, mas entende a inclusão como caminho, como aprendizagem e muito trabalho que se vale das micropolíticas enviesadas nos tramas do cotidiano.

A redução da vida de crianças têm sido estigmatizadas a partir de modos hegemônicos de subjetivação. Sob a contradição como análise de categoria que enxerga os pontos sistêmicos numa visão ampla entendemos que os tempos, modos, formas de aprendizagem necessitam ser colocados em questão ao invés de individualizar situações complexas. A medicalização cancela sonhos, mingua sujeitos nos períodos mais importantes de suas vidas: a infância. Se portanto, há a existência de uma criança que sofre, o caminho que optamos ao entendermos o Sentido da docência como possibilidade de superar os processos de patologização se calçam em relações horizontais na sala de aula frente à função social da escola. Propomos a escuta, o encontro e a mudança de sistemas rígidos das/nas relações escolares, entendendo que a inteireza do humano pode ter sua completude devolvida nesse ínterim.

Referências

- [1] BRENELLI, Rosely. **As dificuldades de aprendizagem na concepção do professor**. UNICAMP: Campinas, 2004.
- [3] TIOSSO, L. H. **Dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita: uma visão multidisciplinar**. Tese de Doutorado. IP: São Paulo, 1989
- [2] CORSINI, C. F. (1998). **Dificuldade de aprendizagem: representações sociais de professores e alunos**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia, Puccamp.
- [4] SANCHES, Valéria Nogueira Leal and AMARANTE, Paulo Duarte de Carvalho. **Estudo sobre o processo de medicalização de crianças no campo da saúde mental**. Saúde debate [online]. 2014, vol.38, n.102, pp.506-514. ISSN 0103-1104.
- [5] MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso. **A Medicalização na Educação Infantil e no Ensino Fundamental e as Políticas de Formação Docente: A medicalização do não-aprender-na-escola e a invenção da infância anormal**. Caxambu – MG, 31ª Reunião Anual da ANPED, 2008.
- [6] RODRIGUES, Maria Goretti Andrade. **Reflexões em torna do Sentido da Docência Frente à Diversidade na Escola Pública do Século XXI**. In: ANDRADE, Everaldo Paiva de. (Org.) A formação de professores pela mão dos formadores: política, currículo e cotidiano nas licenciaturas da UFF. 01 ed.: Niterói: EDUFF, 2013, v., p. 56-72.



[7] AZEVEDO, Matheus Modesto de. **“Eu não consigo, professor!”: a desconstrução do estigma pelas micropolíticas do cotidiano para a inclusão em educação.** In: V Colóquio Internacional Educação, Cidadania e Exclusão. CEDUCE, 2018, Niterói-RJ.

